

# Conferência<sup>1</sup>

René Roussillon<sup>2</sup>

De fato, faz quatorze anos, mas eu guardo lembranças ainda muito vívidas desse tempo que passei com vocês, em que trabalhamos e dançamos muito. Foi um momento muito caloroso e agradável. Eu voltei a Porto Alegre depois, em algumas ocasiões, embora não à mesma Sociedade. Gostaria de dizer que, quando foram mostradas as imagens de Porto Alegre, descobri lugares da cidade que eu nunca tinha visto, nem conhecido. Portanto, na próxima ocasião, voltarei e visitarei todos eles.

Agradeço por este convite para tratar de um tema que, na minha opinião, é fundamental para a evolução da Psicanálise no século XXI. Creio que ele comporta uma abertura e uma série de desenvolvimentos possíveis. Ainda assim, trata-se de um assunto difícil, pela sua complexidade.

Deparei-me, então, com a seguinte questão: como posso transmitir algumas das minhas reflexões sobre um assunto tão complexo? O que me pareceu talvez como sendo a melhor solução – porque acredito profundamente nisto – foi pensar, primeiramente, que o sujeito não nasce num estalar de dedos, de forma simples, que seu nascimento resulta de todo um processo, com diferentes etapas articuladas entre si. O melhor talvez seria, então, apresentar as etapas desse processo, tentando descrever como o sujeito advém, quais momentos ele atravessa e por quais formas passa. Isso é difícil, pois um dos fatores complicadores é o fato de que todo processo de integração possui uma particularidade: à medida que as etapas se integram, todo o trabalho anterior a essa integração tende a ser encoberto. Eu não diria recalçado, mas repellido.

Consequentemente, é muito mais difícil termos acesso *après coup* às etapas anteriores, exceto quando existe algo que falhou nessas etapas e que deixa traços. Essa difícil questão me fez pensar, então, que é melhor partirmos da origem e remontarmos no tempo, mas convém assinalar que, às vezes, vamos encontrar

<sup>1</sup> Conferência proferida na Jornada da Brasileira – O Nascimento do Eu, em 6/11/2021.

<sup>2</sup> Psicanalista. Membro da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP).

na clínica determinado momento que ficou como que congelado e em pane no processo geral do desenvolvimento e que virá alimentar os quadros clínicos, em particular todos aqueles que dizem respeito aos sofrimentos da subjetivação, ou seja, os sofrimentos narcísicos.

Tentarei também descrever as etapas e os operadores de cada uma delas, para que possamos compreender não apenas as características dos diferentes momentos da emergência do sujeito, como também o que permite operar a passagem de uma etapa à outra. Contudo, é preciso ter em mente que o que eu descrevo aqui não é algo que se desenvolve abruptamente nem de forma definitiva. Vou tentar delimitar os momentos de transição, em que algo novo acontece, mas, além disso, como todos sabem, o sujeito terá todo um trabalho de perlaboração a realizar para continuar a integrar aquilo que vivencia. Não simplesmente porque certas coisas ficaram em suspenso no desenvolvimento, não foram completamente integradas, mas também porque o processo de subjetivação é um processo sem fim. Assim como nunca iremos e nem poderemos suprimir a existência de uma vida psíquica inconsciente, o processo de subjetivação também irá se constituir e continuar ao longo de toda a vida. Isso me parece algo de suma importância. Como último ponto da minha introdução, vou apresentar ideias que me ocorreram e espero poder desenvolvê-las até o fim; penso que construí algo bastante coerente, embora a coerência não evite que eu tenha deixado questões importantes de lado.

Christiane mencionou um pedido meu de que houvesse não somente perguntas, mas também um debate. Então, estarei à escuta de tudo o que vocês possam trazer para enriquecer, complementar e, eventualmente, contradizer o que apresentarei. Não tenho nenhuma pretensão de transmitir-lhes uma verdade única e intangível. Busco e tento elaborar um modelo. Penso encontrar nele certa correspondência entre o que ocorre no desenvolvimento precoce e na clínica, mas estou aberto para que esse modelo seja enriquecido, completado, discutido e modificado, se necessário.

Vou começar, então, meu percurso. Num primeiro momento, e para situar bem as coisas, precisamos partir de uma formulação, de um enunciado, fundamental de Freud, que, de certo modo, vetoriza o percurso do trabalho psíquico. Trata-se de uma citação bastante conhecida e inovadora, por ele enunciada em 1932, nas *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*.

Freud diz algo como isto: *Wo es war, soll ich warden*. Se quisermos traduzir da forma mais simples possível, seria: *ali onde o isso estava, o sujeito deve advir*. É possível perceber que, de certa forma, Freud propõe uma trajetória do funcionamento psíquico. Algo pertencente ao *Isso* – e talvez isso mereça que nos detenhamos e reflitamos sobre este *Isso* em questão – deve ser suficientemente

transformado, e eu insisto no fato de que ele deve ser transformado no sentido de uma subjetivação, de uma emergência do sujeito.

Há uma pequena dificuldade que não sei se existe em português, mas que existe em francês. Freud diz *Ich*, que foi traduzido em francês por *Moi*. No alemão, não há diferença entre o sujeito e o *Eu*. Isto é um problema, porque quando dizemos *Moi* não temos necessariamente em mente a ideia de que se trata de um sujeito. A solução que eu costumo adotar é a de dizer *o eu-sujeito*, para que não haja confusão e para que compreendamos bem que o *Eu* é considerado, aqui, não como objeto, como é o caso em certas problemáticas narcísicas, mas como sujeito, como ator representando a si mesmo, como sujeito designando a si mesmo como sujeito. Isto me parece ser importante. Mas, então, qual é a primeira etapa deste processo de subjetivação?

Acredito que me situo na continuidade do que Anne Brun disse, embora não exatamente da mesma forma, a respeito das sensações e da sensório-motricidade. A primeira etapa do vir-a-ser sujeito, ou seja, desse processo que leva à descoberta do sujeito, eu chamaria de etapa na qual o ser humano se *sente ser*. Portanto, trata-se de algo em nível da sensação e do sentir. Um sentir-se *ser*, o que não quer dizer que haja uma consciência plena desse sentir, mas, sim, que algo se apresenta em forma de sensação. Freud fala, a certa altura, em *O Futuro de uma Ilusão*, sobre o sentimento oceânico. Poderíamos dizer assim: é o sentimento de ser, no sentido do sentimento oceânico.

Como isso se constitui? Acho importante dizer que, ao que tudo indica, não é no nascimento que isso se estabelece, mas, sim, numa etapa anterior, que começa desde a vida fetal. Atualmente, existem muitos trabalhos sobre o feto. Em Vancouver, participei de um painel com Emma Ponce de Leon, Regine Prat e Anna Ferruta (aliás, a IPA nos informou que o vídeo está disponível para visualização, pelo sucesso que teve) que já tratava da importância da vida fetal.

Evidentemente, não sabemos muito sobre o que o feto possa sentir nos primeiros dias, após a fecundação. Contudo, sabemos cada vez mais sobre o que ele pode começar a sentir nos últimos meses da gestação, até antes do parto. Tudo leva a crer que o feto já pode *sentir-se ser* e tem algum sentimento/pressentimento de sua existência. Suas condições particulares estão ligadas ao funcionamento do ventre materno e de toda a economia do feto, que é predominantemente automática.

A regulação é biológica, efetua-se por si mesma e, como veremos, ocorre de modo diferente da regulação relacional que se instalará com o nascimento, pois esta depende de cada um. Ela não é automática e envolverá muito mais os traços da subjetividade.

A regulação (do feto), portanto, é biológica. Esse fato é importante, porque essa regulação biológica possui certas características que vão marcar as sensações e o sentir do feto de um modo determinado. Vou descrevê-la brevemente sem perder de vista sua importância, porque veremos como isso continua a existir mesmo após o nascimento. Todas as necessidades do feto (em um período em que necessidade e desejo não são diferenciados) são satisfeitas imediatamente, sem espera; se existe uma necessidade, a resposta biológica é imediata. Elas são satisfeitas por si mesmas, sozinhas, nada precisa ser feito. Tudo junto ao mesmo tempo, tudo até a satisfação. O feto tem uma particularidade da biologia humana que, por vezes, é difícil para as mães aceitarem: ele está no centro, o que significa que suas necessidades prevalecem sobre as da mãe. Em caso de privação alimentar ou algo assim, numa população, as mães se privam, de certo modo, daquilo que precisam em benefício do bebê. Ele é posto realmente no centro do mundo.

Resumindo, é como uma lógica da totalidade: tudo imediatamente, tudo sozinho, tudo junto, totalmente no centro. O traço que ele vai conservar dessas primeiras satisfações, depois de um aumento de tensão, vai se reproduzir com base neste modelo, ou seja, o da lógica da totalidade. São as primeiras vivências e os primeiros traços a partir dos quais o sentimento de *ser* começa a ser experimentado pela criança. Pequeno detalhe: ao que muito parece, já nesta etapa, certas características da mãe intervêm nessa experiência de satisfação inicial, nesse primeiro sentir. Podemos pensar que certos fatores vão depender do tipo de alimentação da mãe; conforme a cultura e a microcultura dentro da cultura, a alimentação das mães não é sempre a mesma. Eu imagino que elas não comam da mesma forma em Porto Alegre, em Belém, em São Paulo e no Rio. Há diferenças que se manifestam devido à alimentação diferente que o bebê recebe.

Entretanto, não creio que as manifestações ocorram apenas no plano biológico. Já começam a surgir esboços relacionais. A mãe está estressada? Sabemos que o seu estresse é transmitido ao feto. A mãe ouve música? Ela cantarola? Como é sua voz? Quais são as características de sua voz? Qual é o tom, o timbre? Ela está com raiva, tem crises? Tudo isso também é transmitido ao feto e já começa a marcar seu sentimento de *ser*.

Seu sentimento de *ser* é, portanto, produto dessa organização global da experiência de satisfação, em meio a um estilo materno particular. Portanto, este é o primeiro tempo. Ainda não há sujeito: o sujeito é pré-concebido, ele vai advir a partir desse fundo de sensação, de sentimento de *ser*.

No nascimento, o primeiro problema para o feto e para o seu sentimento de *ser* é a continuidade. Por quê? Porque ele passa de uma regulação automática, biológica, a uma regulação relacional que acrescenta algo muito singular: as

características e os aspectos da mãe. A regulação biológica, de modo geral, de acordo com a biologia, é quase sempre a mesma. Como esta questão da continuidade se coloca? No caso de um aumento de tensão, o bebê – que antes era o feto e agora vamos chamar de bebê – espera que a tensão diminua conforme um modelo que ele já conheceu, ou seja, o modelo biológico. Isso é a continuidade. De certa forma, algo desse modelo biológico deve ser transposto para o modelo relacional.

Essa transformação não se efetua por si mesma; ela dependerá de algo muito importante: a especificidade da resposta materna ao que a mãe percebe quanto às necessidades do bebê. Primeiramente, a forma como ela as percebe e, depois, como responde.

Na minha opinião, o modelo mais pertinente quanto ao que é desejável e proveitoso para o bebê é aquele que Winnicott nos forneceu. Retomando os fundamentos do pensamento de Freud, Winnicott nos diz que, diante do aumento de tensão, há um investimento alucinatório de traços de satisfação anteriores. Em outras palavras, é como se o bebê criasse de forma alucinatória uma representação daquilo que ele aguarda e de que precisa para sua satisfação, e que só pode ser obtido através da alimentação. Winnicott fala da primeira mamada teórica, a qual, na verdade, já ocorreu na vida fetal. O bebê espera encontrar um mundo no qual todas as suas necessidades serão satisfeitas imediatamente, por si mesmas, em conjunto, assim como também espera estar no centro.

O problema é que a regulação relacional não funciona de modo automático. Winnicott teoriza algo muito importante: em um primeiro período após o nascimento, a mãe encontra-se em um estado particular que ele denomina *preocupação materna primária*. Podemos descrevê-lo melhor mais adiante, se desejarem. Este estado de preocupação materna primária predispõe a mãe a se conectar, da melhor forma possível, com as necessidades do bebê e a responder do melhor jeito que um ser humano é capaz de fazer, através de uma regulação relacional. Isto me parece muito importante.

Em outras palavras, o traço alucinado, que Winnicott chama de *seio-criado*, vai encontrar na resposta materna algo que é próximo ou suficientemente próximo do que o bebê é capaz de criar. Podemos dizer que uma resposta boa ou suficientemente boa – para falar como Winnicott – a essa necessidade do bebê e à sua criação de um seio perfeito seria encontrar um seio que, na relação entre o que ele encontra e o que ele cria, não exceda suas capacidades de ligação e de reconhecimento.

Isso é importante na medida em que já cria uma pequena discrepância que o bebê deve ser capaz de preencher, transformando um ‘quase perfeito’ em

suficientemente perfeito, fazendo a ligação entre a alucinação, o que ele percebe e o que ele encontra fora. Eu digo o que ele percebe e o que ele encontra fora, mas devemos compreender que ele não tem uma consciência clara e completa do fato de que ele o percebe e o encontra fora. A vivência subjetiva do bebê é de criar ele mesmo o que encontra. Contudo, ele precisa encontrar algo que seja suficientemente compatível com o que conhece.

Se quisermos formular isso partindo de importantes modelos metapsicológicos, podemos dizer que aquilo que é encontrado pelo bebê deve coincidir suficientemente com que ele é capaz de criar. Esta colagem inicial é muito importante, pois quando funciona bem, algo pode se inscrever verdadeiramente na experiência subjetiva e ser investido. Aqui, começamos a perceber do que é feito o Isso: ele é feito desses traços impressos que foram vivenciados e registrados, por terem sido suficientemente investidos pelo princípio de prazer e desprazer.

É também importante observarmos que a transição da vida fetal à vida aérea vai acrescentar outras características da mãe. Eu digo da mãe, mas deveria dizer do ambiente maternante, pois não somente a mãe, mas também o pai e todos que se ocupam do bebê entram na dança. É todo o ambiente que conta. É mais fácil dizer “a mãe”, por ser ela que geralmente ocupa um lugar prevalente na nossa cultura.

Portanto, uma resposta é dada pelo ambiente, e aquilo que o bebê encontra também depende das características relacionais da mãe, da sua disponibilidade, da sua acessibilidade, do seu nível de empatia, de muitas peculiaridades. Há sempre uma resposta, senão o bebê morre, é óbvio. Essa resposta, na maioria das vezes, é suficientemente boa, mas ela vem acrescentar, de certo modo, ao movimento primordial do bebê, todas as peculiaridades e o estilo da sua mãe.

Reforço isso, porque, quando refletimos sobre o narcisismo, tendemos a esquecer que ele não pode ser concebido sem a presença das respostas do objeto. Caso contrário, temos uma teoria narcísica do narcisismo, ou seja, uma teoria que apaga o objeto. Nós, estudiosos da metapsicologia, somos obrigados a reintroduzir o objeto sempre que isto for necessário. Deste modo, eu reintroduzo aqui o estilo da mãe, sua voz, sua língua, a textura de sua pele, a forma como ela carrega o bebê, o gosto do seu leite, da sua pele, o seu odor... Tudo isso vai enriquecer consideravelmente os primeiros traços.

Sempre existe, então, um sentimento de *ser*, uma sensação de *ser*, mas sua representação interna é consideravelmente enriquecida pela passagem da vida fetal à vida aérea, porque esta traz inúmeras novas percepções, sensações e informações. Dito de outra forma, há uma continuidade, mas ela é ao mesmo tempo um desenvolvimento, uma progressão, uma complexificação e um enriquecimento da sensação de *ser*.

Essa sensação de *ser*, esse sentimento de *ser* é sempre enriquecido, de alguma maneira, por uma série de características novas. Isto me parece muito importante. Claramente, encontramos aqui aspectos que foram evidenciados por Winnicott. Deu-se muita ênfase ao seio, sim, ele é importante, mas não podemos esquecer que, quando só há o seio, algo não está bem, pois é preciso que haja, também, o que Winnicott chamou de *holding*, *handling* e *object presenting*, ou seja, toda uma série de características relacionais que correspondem à comunicação.

O *holding* e o *handling* não significam somente carregar ou manipular o bebê, mas, também, transmitir-lhe mensagens através disto. Significam igualmente começar a dar-lhe representações do que ele é para nós. Se eu tiver a impressão de que o meu bebê é uma coisinha frágil que vai se quebrar, não vou segurá-lo da mesma forma que se eu sentir que ele é robusto, um menino ou uma menina que pode resistir um pouco, que posso movimentá-lo um pouco mais, não muito, apenas um pouco. A maneira de trocá-lo, por exemplo, no *handling*: vou trocá-lo de forma muito cuidadosa, muito preocupado com seus genitais, ou vou trocá-lo sem muito medo de limpá-lo ou de eventualmente excitar essa zona que, de fato, é uma zona particularmente investida e importante?

É importante ressaltar outro aspecto relacionado à problemática da emergência do sujeito nesse período. Temos a ideia de um instinto materno e de uma mãe que teria sempre uma resposta perfeita e adequada, mas a clínica nos mostra que isto não funciona assim, que se trata de algo muito mais complexo.

Estudos muito criteriosos demonstram que, na verdade, o bebê e a mãe procuram-se constantemente. 60% das interações precoces mãe-bebê – o que é um número considerável – são interações de ajustamento. Eles não coincidem, buscam-se então. Aliás, podemos dizer que essa busca de ajustamento é um modelo emocionante que encontramos na clínica. Com frequência, em nosso trabalho, é disso que se trata: tentamos nos ajustar e propor algumas coisas, tentando ver a reação do outro, num ajuste constante. Podemos dizer que o trabalho analítico, de construção e de interpretação é um trabalho de ajustamento comparável ao funcionamento psíquico da criança. Então, quer dizer que este é precoce e muito importante.

Por que ele é importante? Porque o bebê vivencia algo durante esses ajustamentos. Poderíamos dizer que ele começa a sentir que algo fora dele faz um movimento para buscá-lo e que, nele, também existe algo que pode agir sobre o que acontece externamente. É como se o bebê tivesse o pressentimento de que pode exercer alguma ação sobre o ambiente. Podemos perceber, aqui, o quão importante isto será para a constituição do sujeito, pois tornar-se sujeito significa tornar-se sujeito de um ato e de um pensamento, de um pensamento que já é uma forma de agir.

Tornar-se sujeito significa, de certa forma, começar a tomar as rédeas de sua própria vida, e podemos dizer que, nesse momento, vemos o princípio da apropriação do mundo pelo bebê. Novamente, é importante fazer um adendo: não se trata de uma clara consciência. O bebê não pensa conscientemente que pode começar a agir sobre o mundo, mas sente que algo acontece e faz com que ele aja sobre o mundo, o qual se ajusta e se transforma em função das suas necessidades. Isso é muito importante.

Quero tecer outro comentário sobre o início da vida fora do útero que me parece relevante. Acredito que o processo de simbolização começa muito antes do que pensamos; ele não começa a partir da simbolização da ausência do objeto. Dispomos de várias indicações fornecidas pelo trabalho clínico com bebês de que a simbolização começa já *na presença*, e todo o trabalho de Didier Anzieu a respeito do eu-pele o leva à noção de *significante formal*. Ou seja, as primeiras experiências vão começar a dar origem a uma forma, poderíamos dizer uma simbolização, pois há muitos aspectos que são reunidos numa forma ou, poderíamos dizer, numa sensação-forma-movimento. Por exemplo, “isso está esquentando”, “isso é suave, desliza”. Não há sujeito nem objeto, existe um “isso”, uma forma e um movimento. Isso é de suma importância na clínica das formas complexas e precoces de simbolização, que chamo de simbolização primária, porque é preciso escutar e identificar através dessas formas.

Tomemos o exemplo de um sujeito que está falando e, de repente, sua voz colapsa. Ele não diz que “isso colapsa”, sua voz simplesmente colapsa e não a escutamos mais. O significante formal subjacente é de que ele busca dentro de si vivências de colapso primitivo, e o “isso colapsa”, embora não seja nomeado, é comunicado como tal. “Isso colapsa, desliza, salta, vem e vai embora, tem cheiro bom”, todas as experiências subjetivas são registradas em sensações, mas estas já possuem alguma organização que toma uma forma e que são sempre sensações de movimento.

Penso que Anne Brun tratou muito da sensório-motricidade, e a motricidade é tão importante quanto a sensação. Neste caso, em particular, são sensações associadas a movimentos. Isso é importante, também, porque não há sujeito sem dinamismo, sem movimento.

Há algo a acrescentar ainda que não se situa tanto na teorização de Freud, mas que foi muito desenvolvido pelos dois grandes teóricos anglo-saxões, Winnicott e Bion e, com eles, vários outros autores e clínicos que se debruçaram sobre a primeira infância. Todo o modelo de Winnicott é baseado no seio criado, seio encontrado. Entretanto, o que tenho explicado cada vez mais é que existem vivências, afetos, emoções, sentimentos, ou seja, o campo das sensações como primeiro afeto, que transborda largamente a noção de bom, ruim, satisfatório



ou insatisfatório. São inúmeras vivências emocionais intensas que percorrem o mundo do bebê e que possuem uma característica: são complexas, enigmáticas. Tomemos o exemplo de um bebê: algo acontece depois da amamentação, que faz com que ele tenha uma diarreia ácida, algo lhe fez mal: “isso dói”. De onde vem isso? Por que ele está com dor? Ele não tem respostas. Sensações como essas são enigmáticas e correspondem ao que Bion chamou de *objetos bizarros*. Aqui, é preciso acrescentar algo mais: não basta ocupar-se das necessidades corporais do bebê, é necessário, também, começar a ocupar-se das necessidades do sujeito, do Eu. E a necessidade do bebê é integrar aquilo com que é confrontado, integrar suas emoções, suas sensações e seus sentimentos, o que foi teorizado por Bion em termos muito abstratos. Ele diz que a integração ocorre graças ao apoio da função alfa da mãe. Este conceito é bom, mas muito teórico. O que quer dizer *função alfa*? Considero muito mais preciso o que diz Winnicott quanto à mãe ser como um espelho. Ele não o diz assim, mas explica que a primeira coisa que o bebê vê no rosto da mãe é um espelho do que ele é. De certo modo, suas emoções são refletidas no rosto da mãe. Alguns trabalhos foram feitos por um grande pesquisador húngaro sobre bebês – a Hungria conta com uma escola muito importante sobre a vida dos bebês – que se chama György Gergely. Estudando detidamente as interações entre mães e bebês, ele evidencia que, quando a mãe é suficientemente boa, nos termos de Winnicott, ela emite ao bebê reflexos e ecos de sua própria comunicação. Em outras palavras, ela o espelha. Por exemplo, um bebê berra, chora e grita, enquanto a mãe faz uma careta, dizendo: “oh, você está furioso”. Ela vai expressar, no rosto, essa fúria, mas vai fazê-lo de modo que o bebê não tenha o sentimento de que é ela quem está com raiva, mas, sim, de que a raiva é algo dele, refletido por ela. Uma mãe que figura a raiva, que a encena na expressão do rosto, não é igual a uma mãe que está com raiva de verdade. Uma mãe com raiva de verdade é um tsunami que excede e desorganiza o bebê, porque é como se sua própria raiva retornasse como um bumerangue, consideravelmente intensificada pelo fato de ser um adulto, alguém maior e mais forte.

A raiva que a mãe expressa é um afeto sinal, ou seja, uma cena. De certa forma, ela encena, através da expressão do rosto, o afeto, mas envia uma dupla mensagem. Na primeira, ela mostra o afeto: a raiva, a alegria, a tristeza, etc. Na segunda mensagem, ela diz: “este afeto não é meu, ele é seu”. Isso é importante, porque é nesse movimento que a criança começa a perceber-se como sujeito. A partir do reflexo da mãe, ela começa a *ser* sujeito, mas é na presença do objeto.

Como vemos, ele é, primeiramente, um sujeito potencial, sem objeto, no ventre materno, e, progressivamente, começa a sentir-se sujeito, mas isso

acontece na presença da mãe, graças ao seu reflexo. Sem esse reflexo, o bebê não vai se sentir sujeito. Com frequência, encontramos na clínica histórias de pacientes que não contaram suficientemente com esse reflexo e que têm inúmeras dificuldades para sentirem-se sujeitos.

Lembro-me de um paciente que veio à primeira sessão, à sessão preliminar, após ter feito diversas tentativas de análise que não tinham funcionado. Ele falava sem parar, e eu me sentia completamente invadido. Em determinado momento, ele parou e disse: “*je suis hors sujet*”<sup>3</sup>. Entendi que ele dizia algo fundamental. Este homem passou a vida inteira sem ser sujeito da própria vida. Quando nos aprofundamos nisso, ele se deu conta de que sua mãe nunca lhe refletia nada, não lhe restituía nada, nunca lhe explicava nada, não somente em relação ao que ele sentia, mas também do que faziam com ele. Por exemplo, colocavam-no num ônibus, e ele se via a trinta ou quarenta quilômetros de distância, na casa de uma tia, sem ninguém ter dito que ele ia para lá. Como se sentir sujeito sem nenhuma referência dada pelo ambiente?

Adentramos, aqui, na questão do sujeito na “presença de”. Eu sou sujeito, e não só me sinto sujeito, como também me sinto sujeito *na presença* do objeto. Aqui, já existe um início de reflexividade. É como se não apenas eu sentisse o sujeito, mas eu *me* sentisse sujeito, através do reflexo emitido pelo objeto.

O problema seguinte, relacionado com o anterior, ocorre quando isso não funciona, ou seja, quando o sistema criado-encontrado excede as capacidades da criança. Esses momentos são sempre inevitáveis, pois, à medida que a criança cresce, a mãe vai estar cada vez menos em estado de preocupação materna primária. Ela considera que seu bebê começou a crescer e que ele é capaz de suportar mais dificuldades; ela começa, então, a propor situações muito menos adaptadas e ajustadas. Conseqüentemente, o bebê vivenciará um sentimento de fracasso, como se, apesar da alucinação, não conseguisse mais proporcionar sua própria satisfação. Isso desperta nele, além do sentimento de fracasso e de impotência, uma raiva destrutiva, devastadora. No funcionamento criado-encontrado, seu sentimento subjetivo era de que ele mesmo proporcionava a própria satisfação. Agora, é como se, de repente, seu *self*, seu funcionamento e sua capacidade de autossatisfação falhassem. Então, ele não consegue mais se sentir como sujeito, sentir *ser* sujeito, apesar da eventual presença do objeto. Isso é muito importante, porque são esses os operadores da etapa seguinte do desenvolvimento. O bebê tem o sentimento de ter destruído sua capacidade de *ser*, o que o mergulha num sentimento de desespero. Novamente, é Winnicott que

<sup>3</sup> N.T.: A frase do paciente tem duplo sentido em francês, uma vez que o vocábulo *sujet* significa sujeito e assunto: “Estou fora do sujeito”/ “Estou fora do assunto”.

nos fornece a seguinte referência: isso é inevitável e sempre ocorre, não podemos ser todo o tempo suficientemente bons com os bebês, sempre falhamos, mas isso não é grave, dependendo do que ocorrer quando a criança tiver esse sentimento de ter destruído sua capacidade de satisfação. Essa destruição da capacidade de satisfação pode ser o berço possível de uma experiência fundamental para a emergência da subjetividade ou, ao contrário, um fracasso fundamental para a emergência da subjetividade.

Todos conhecemos a formulação de Winnicott segundo a qual o objeto, a mãe, o ambiente maternante deve sobreviver à raiva destrutiva. O que é sobreviver? Sobreviver é, antes de mais nada, não exercer represálias. O bebê grita, eu não grito mais alto do que ele, não exerço represálias sob a forma de isolamento, colocando-o num canto do apartamento e dizendo “não quero mais ouvir”. Então, não deve haver represálias. O objeto precisa suportar a raiva do bebê misturada ao desespero. Embora isto não seja suficiente, é indispensável.

Além disso, é necessário que o objeto seja criativo, é só um objeto vivo é criativo. Um objeto morto não é criativo, tampouco um objeto que só faz seu dever. A mãe – ou o ambiente maternante – precisa inventar uma maneira de reestabelecer contato com o bebê, ou seja, de buscá-lo na sua raiva e no seu desespero para trazê-lo de volta ao contato com ela.

Aqui, Winnicott propõe algo essencial: é nesse momento que o bebê descobre – e ele só pode descobri-lo se acreditar ter destruído – que algo sobreviveu à sua raiva. O que significa que nem sua raiva, nem seu desespero são onipotentes. Isto quer dizer que talvez sua satisfação dependa, também, da presença de um outro. O bebê vai descobrir, então, o que eu chamo de *função sujeito*, que ele só é satisfeito e apaziguado graças ao que a mãe faz. Ele descobre que a mãe é um sujeito. E ele só pode descobrir-se sujeito em espelho, por ter descoberto que a mãe é um sujeito. Dizem que é o objeto total. Não creio que o objeto seja total, não acredito que um bebê de treze, quatorze ou dezoito meses seja capaz de descobrir a totalidade da mãe. O pensamento de um objeto total é megalômano. Não é o objeto total, mas, sim, um objeto que é sujeito, um outro-sujeito. Pensar que o objeto é um outro-sujeito é também o que lhe permite pensar-se sujeito – isso é muito importante.

Portanto, se o objeto sobrevive, observamos uma mudança. Assim, é sempre na presença do objeto e em função de sua resposta que se abre a possibilidade de uma ação intencional e deliberada do bebê em direção ao objeto. Antes, havia movimentos neste sentido. Por exemplo, até então, o grito de um bebê não era o mesmo quando ele estava com fome, quando estava sujo, quando sentia dor ou quando queria brincar. Embora não chorasse da mesma maneira, não podemos dizer que o grito fosse intencional. Vinha espontaneamente. Mas,

agora, começamos a observar um modo de comunicação intencional. Ou seja, a partir do momento em que descobre que a mãe é um sujeito, o bebê começa não somente a amá-la como tal, a eventualmente odiá-la como tal, quando ela o faz sentir demais sua dependência, como também começa a descobrir uma forma de ação sobre ela, o que é muito importante para o vir-a-ser sujeito. Assim, o grito se modifica e não é mais um grito automático, por assim dizer, mas um grito que começa a ser mensageiro e que diz para a mãe: “ei, eu preciso disto, daquilo”. Não são mais gritos, mas, sim, choros que vão ter uma função de apelo voluntário, intencional, deliberado. Podemos observar, assim, como o sujeito continua a emergir e como a criança continua a se reapropriar de mecanismos que, até então, eram automáticos, para transformá-los em mecanismos que ela começa a controlar, a manipular e a modular numa intencionalidade. Isso é muito importante.

Nesse momento, algo mais vai acontecer. Não irei até o fim do que eu gostaria de apresentar, mas não há problema. Contudo, eu preciso de mais 4-5 minutos para falar sobre um outro aspecto importante para emergência da função do sujeito. Depois, serei breve sobre a etapa seguinte.

Lacan evidenciou o que ele chamou de *estádio do espelho* [fase do espelho]. Na fase do espelho que podemos chamar de clássica, a criança está no colo da mãe, diante de um espelho, e vê a mãe ao seu lado, vê a imagem dela no espelho, se vê no espelho, vê os braços da mãe... Começa a perceber sua relação com a mãe e que aquilo que vê no espelho é uma representação dessa relação. Algo muito importante acontece nesse momento: além da relação com a mãe, o bebê percebe que há um descolamento, nessa representação com a mãe, em relação à sensação de colagem em seu colo, passando a uma representação da dupla que se forma entre ambos.

Até então, o que ele vivenciava era na presença da mãe, mas, agora, ele começa a ver uma imagem, uma representação, do que se passa entre eles. Não somente na presença da mãe, mas, também, se constitui um círculo de retroação. Esse momento é muito importante porque é o início do descolamento. Anteriormente, ressaltai que as primeiras sensações colavam ao objeto. Já havíamos visto um início de descolamento com a ação da mãe, que indicava: “não somente o meu rosto reflete a emoção, reflete você, mas é a sua emoção, não a minha”. Aqui, há um segundo descolamento.

Na experiência do espelho, efetua-se um terceiro nível de descolamento. O sujeito não somente se sente, mas também se vê. Não somente sente que está no colo mãe, mas se vê no seu colo. Ou seja, ele adquire uma representação completa da cena, começa a construir uma relação em cena entre ele e sua mãe, o que é fundamental para a reflexividade.

Para finalizar, serei breve, mas, se quiserem, discutiremos mais sobre isso depois. Não vou me estender muito mais, vou apenas dizer três, quatro coisas rapidamente. A fase do espelho é concomitante à organização da analidade, a qual é essencial na problemática do vir-a-ser sujeito. Por quê? Porque quando a criança adquire a capacidade de controlar os esfíncteres e, sentada no penico, faz a mãe esperar, ela percebe que é sujeito de seu próprio corpo.

Um terceiro operador muito importante, entre quatorze, quinze e dezesseis meses, corresponde ao que René Spitz chamou de *terceiro organizador*: o “*não*”. Então, o sujeito, a criança, tornou-se capaz de sentir-se, de ver-se como sujeito no espelho. É o que Lacan chamou de *assunção jubilatória*. Agora, a criança vai poder sentir-se como sujeito de seu corpo e de sua voz. Ao dizer ‘nã’, ela se autoafirma.

Nessa tríade, historicamente chamada por Robert Fliess de *dividing-line*, encontra-se uma linha divisória da subjetividade. De certa forma, a criança adquire a possibilidade de se ver, de se sentir e de se afirmar como sujeito diferente do outro. Isto é essencial.

E, na clínica, isso pode ser observado em alguns sujeitos, em relação à elaboração da analidade, com a emergência de seu sentimento subjetivo. Aqui, reporto-me ao meu trabalho de supervisão com uma canadense a respeito de uma paciente com múltiplos episódios de diarreia. De fato, sua analidade não está organizada. Consequentemente, ela não pode sentir-se sujeito de sua própria vida. Portanto, com a organização da analidade, vem a capacidade de dizer não. São muitas as situações clínicas nas quais descobrimos em nossos pacientes uma grande dificuldade de dizer *não*, ou mesmo uma impossibilidade de fazê-lo.

E, é claro, o terceiro elemento é a capacidade de representar-se numa interação, de representar-se com o outro, de alcançar uma distância suficiente para poder pensar não em termos de outro e eu, mas em termos de interação, de relação entre eu e o outro.

Por último, para terminar, é nesse momento que a criança começa a falar e, assim, também a designar-se a partir dos olhos dos outros. Por exemplo, uma criança que se chama Paul dirá: “Paul está com fome, Paul quer comer”, ou seja, ele se nomeia como o outro o chama. Ele não diz “eu”. Começa a designar-se a partir dos olhos dos outros.

Nesse momento, o sujeito do enunciado não é diferenciado do sujeito da enunciação. Vou explicar brevemente, mas poderemos retomar mais adiante: quando a criança começa a dizer “eu” significa que ela se tornou capaz de designar-se como sujeito independente do outro, o que resulta, então, em uma abertura rumo à simbolização secundária, ou seja, em uma possibilidade de simbolizar a partir da ausência.

Vemos, assim, como esta simbolização a partir da ausência é possível na presença do outro. É nos organizadores anteriores que o objeto é ausentado. Quando digo “eu”, sou sujeito do meu enunciado, “*eu sou*”, há um representante do sujeito da enunciação no enunciado, e, de certo modo, sou capaz de fazê-lo em função do outro. Na própria organização do meu enunciado, eu ausento o objeto.

Eu gostaria de ter desenvolvido mais esta última etapa, mas acho que disse o essencial. A maior dificuldade que enfrentamos nos transtornos das patologias narcísico-identitárias é esta: pensar os momentos primordiais da emergência do sujeito e da subjetividade.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Tradução: Vanise Dresch

Revisão técnica: Sandra Gehling Bertoldi